

O custo para se produzir um litro de

Tendência do consumidor é comparar o preço pago ao produtor com o cobrado na prateleira do supermercado sem considerar os inúmeros processos de qualificação a que é submetido o produto

Luciara Schneid

Pelotas. Em épocas de entressafra do leite, quando a produção no campo cai e o preço, tanto ao produtor quanto no varejo, tende a subir, surgem questionamentos principalmente dos consumidores sobre os motivos do aumento. A resposta está no mercado, na velha lei da oferta e da procura, que regula preço em relação à disponibilidade de produto. Quanto maior a oferta, menor o preço e vice-versa. Outra incógnita diz respeito às disparidades entre o preço recebido pelo produtor e o valor pago no varejo. Enquanto o produtor recebe em média R\$ 0,75 pelo litro na propriedade, o valor de prateleira chega a quase R\$ 2,00.

O representante da Cooperativa Sul-rio-grandense de Laticínios (Cosulati), Jones Raguzoni, destaca que a conta não é tão simples assim. Segundo ele, do produtor à indústria até chegar ao consumidor, o ciclo é longo e envolve todo um processo industrial de qualificação e seletividade da matéria-prima para assegurar que o consumidor tenha um produto de qualidade. “Os elos desta cadeia produtiva são longos. Depois que sai da fábrica, o produto passa ainda pela comercialização, pelo transporte até chegar ao varejo”, diz.

“Por que ninguém questiona, por exemplo, quanto custa o quilo do trigo no campo e compara com o valor do pacote de biscoito no supermercado?” Segundo ele, o caminho é o mesmo. Enquanto o preço da saca de 60 quilos custa R\$ 26,88, ou seja, R\$ 0,448 por quilo - dados da Secretaria de Estado da Agricultura - um pacote de biscoito (500 gramas) tem preço médio de R\$ 3,66 - conforme a cesta da Associação Gaúcha dos Supermercados (Agas) para a primeira semana de junho.

Segundo Raguzoni, o longa vida foi uma escolha do consumidor, que preferiu a caixinha, pela comodidade de poder estocar, do que o produto pasteurizado em embalagens mais baratas, ou seja, o tradicional leite em saquinho. “O consumidor não tem a tradição de ir à padaria ou ao supermercado todo o dia comprar o leite assim como faz com o pão.”

Enquanto a embalagem longa vida custa em média R\$ 0,40, mais de 50% do valor que é pago ao produtor, o saquinho tem custo em torno de R\$ 0,03. Ainda de acordo com a cesta Agas, no mês de maio,



Do campo até a mesa do consumidor o leite percorre um longo caminho a fim de atender os padrões de qualidade exigidos pelo mercado

o preço médio do litro de leite longa vida integral (caixinha) praticado pelo varejo, foi de R\$ 1,92 e o leite natural tipo C (saquinho), de R\$ 1,43, o que representou economia de R\$ 0,49.

Na primeira semana do mês de junho, o mesmo indicador, registrou pequena queda (0,53%) no leite de caixinha, que chegou a custar R\$ 1,89. Já o saquinho subiu 6,08% e custou R\$ 1,57 em média, no varejo. A economia ficou em R\$ 0,32.

No que se refere à produção em outras cooperativas, Raguzoni assegura que o custo é igual para todos e preços diferenciados na prateleira entre as marcas muitas vezes se constituem em estratégias de vendas do varejo. Ele questiona ainda, por que o consumidor acha caro pagar em torno de R\$ 2,00 pela caixinha de leite, quando uma garrafa de 1,5 litro de água mineral, por exemplo, chega a custar R\$ 1,50?

“Existem outras formas de consumo que tornam o produto mais barato, como o saquinho, que é disponibilizado diariamente no varejo, mas o consumidor busca um produto que seja mais cômodo”,

ressalta. Ele diz ainda, que há consumidores que pagam R\$ 0,10 a mais por uma embalagem com tampa rosca, somente pela comodidade. “A indústria se transformou em refém do gosto do consumidor”, ressalta.

Estoques. Raguzoni destaca que outra desvantagem da indústria é a dificuldade de estocar o produto. “Quando o consumidor busca o produto, que são os meses mais frios, é período de entressafra e na safra, quando há maior oferta, deixa de consumir em detrimento de outros alimentos, como refrigerantes e sucos.” Uma alternativa viável de custo, segundo ele, é o leite em pó, que pode ser estocado por mais tempo.

Ele diz ainda, que a cadeia do leite, assim como a do arroz é muito impactada pelas importações, especialmente da Argentina e Uruguai. Segundo ele, ocorre ainda, a triangulação do produto de países em que o leite é subsidiado. “Na Europa, por exemplo, ter vaca leiteira é um grande negócio, porque o criador ganha três dólares por animal ao dia.”

Cotações. Quanto ao preço ao produtor, ele assegura que o preço médio pago no mês de junho ao produtor teve 24% de incremento em relação ao mesmo período do ano passado. A tendência é de que a produção comece a aumentar e o preço a cair a partir deste mês, quando há a introdução dos animais nas pastagens de inverno.

Padrão. As indústrias e os produtores de leite, reunidos no Conselho RS, homologaram dia 30 de maio, o preço de referência do leite padrão consolidado do mês de abril de 2011 e a previsão para o mês de maio de 2011, bem como o maior e menor valor de referência, de acordo com os parâmetros de ágio e deságio em relação ao Leite Padrão, que servirá como indexador para os negócios do leite. O valor foi obtido, após a tabulação dos dados pela Universidade de Passo Fundo (UPF), tendo como referência o leite padrão (Base Instrução Normativa 51 do Ministério da Agricultura).

A remuneração para o leite acima do padrão, no mês de abril, ficou em R\$ 0,7702, o leite padrão em R\$

0,6697 e abaixo do padrão em R\$ 0,6028. Para o mês de maio, o preço projetado foi de R\$ 0,7782 para o leite acima do padrão, R\$ 0,6767, leite padrão e R\$ 0,6090, abaixo do padrão. Os preços de referência dos últimos três meses, de março e maio, ficaram em R\$ 0,7341, R\$ 0,7702 e R\$ 0,7782 respectivamente, no leite acima do padrão. No produto padrão, os valores ficaram em R\$ 0,6383; R\$ 0,6697 e R\$ 0,6767 e de R\$ 0,5745, R\$ 0,6028 e R\$ 0,6090, para abaixo do padrão. Nove empresas participaram da formação do preço de referência, entre elas, a Cosulati.

Profissionalização. Raguzoni defende a competitividade do setor produtivo, que precisa se especializar para poder disputar mercado. “Não adianta ampliar produção e reduzir custos, se a propriedade não profissionalizar sua produção.” Segundo ele, o produtor deve estar atento para problemas como a mastite na propriedade. Segundo ele, a indústria realiza análises, na chegada do leite à cooperativa, para mastite e resíduos de antibióticos. “Qualquer traço de

leite

Fotos Moizés Vasconcellos - DP



Produtores estão atentos às necessidades de mercado

Ter na atividade leiteira a única forma de sobrevivência da pequena propriedade familiar parece ser um sonho impossível, diante da atual conjuntura de mercado para o leite. No entanto, sobreviver é possível e mais do que isso, ter lucratividade e renda na propriedade. É o que estão provando os pequenos produtores integrantes do Programa de Desenvolvimento da Bovinocultura de Leite do município de Pelotas.

O projeto, idealizado pelo engenheiro agrônomo Luiz Adilson dos Santos, técnico da Emater, tem a participação de professores e pesquisadores, que a partir de grupo de trabalho multidisciplinar, realizam ações de desenvolvimento da atividade em unidades participativas ou de referência, que são pequenas propriedades de leite. O programa ocorre desde 2008, quando foi assinado convênio entre Emater, UFPel, Embrapa, IF-Sul e prefeitura de Pelotas para agir em seis unidades que serviriam de modelo da atividade no município.

Estas propriedades possuem os mais diversos sistemas e níveis de produção, com uma característica similar que é viver exclusivamente da atividade leiteira. Nestas unidades, o foco é a utilização dos recursos da propriedade, com a alimentação voltada ao pastejo de forrageiras perenes, otimizadas com auxílio da irrigação. O grupo trabalha com todos os parâmetros da atividade como gestão, nutrição, manejo de pastagem e solo, irrigação, melhoramento genético, qualidade ambiental e do leite.

O grupo é formado pelos professores Pedro Lima Monks (Faem), Flávia Fernandes (Faem), Helenice Gonzalez (FV), Álvaro

Nebel (IF-Sul), Carlos Alberto Oliveira da Silva (IF-Sul) e João Nelci Brandalise e os pesquisadores Jorge Schafhäuser Júnior e Darcy Bittencourt (Embrapa). As unidades participativas são visitadas mensalmente e atribuídas orientações para adequações do manejo para o incremento da atividade, com vistas à maior rentabilidade e sustentabilidade do sistema.

Pensando nas exigências da qualidade de leite previstas para o mês de julho pela Instrução Normativa 51, o programa se antecipa, orientando os produtores para que os mesmos consigam atingir os parâmetros de contagem de células somáticas e bacteriana.

Unidade de referência. A pequena propriedade do produtor Elói Schneider, localizada na Colônia Py Crespo, 3º distrito de Pelotas é uma das unidades demonstrativas do projeto. Com 20 anos de experiência no setor leiteiro, atividade herdada do pai, Schneider mantém controle rigoroso dos custos da propriedade e dos rendimentos de cada uma das suas matrizes.

Atualmente, possui 41 vacas da raça holandesa em produção, mas a média da propriedade é de 50 animais em lactação ao ano. O rendimento diário de cada animal é de 28 litros por dia e uma produtividade média de 10 mil quilos por vaca ao ano, média que vem mantendo nos últimos três anos.

A venda de leite é conciliada com a venda de animais, o que segundo o produtor proporciona equilíbrio maior nos custos da propriedade. Para isso, o investimento em genética de qualidade também precisa ser considerado. Ele utiliza inseminação em 100%



Projeto auxilia a pequena propriedade a sobreviver da atividade leiteira

do rebanho com sêmen de touros provados, diz. “A venda de animais não deixa o produtor ficar refém do preço do leite e ajuda a fazer um caixa para investimentos na propriedade”, diz.

Schneider defende a atualização do produtor e a especialização da mão de obra como uma das principais formas de sobrevivência na atividade. Segundo ele, quem trabalha com os animais precisa ter uma visão técnica de todas as fases desde o nascimento da terneira, o cio até a

ordenha e estar atento para problemas como mastite e tristeza parasitária, doenças que podem comprometer para sempre a produção de uma matriz. “O produtor precisa ter conhecimento de tudo que acontece dentro da propriedade e o quanto custa para produzir cada litro de leite”. Segundo ele, para que o produtor tenha poder de barganha junto à indústria na hora de vender seu produto ele precisa saber quanto gasta para produzir e a grande maioria não sabe.

um destes problemas o produto é descartado imediatamente.”

Segundo ele, o Brasil possui potencial para se tornar um dos maiores exportadores de leite do mundo. Em comparação com a Nova Zelândia, o maior exportador mundial e sétimo maior produtor, possui apenas 11.618 estabelecimentos, 4,25 milhões de vacas, produção total de 16 bilhões de litros e uma produtividade de 3.710 litros por lactação (vaca ao ano). O Brasil tem quatro milhões de estabelecimentos, 16,7 milhões de vacas e uma produção de 27,5 bilhões de litros e uma produtividade de 1.261 litros por lactação (vaca ao ano), dados da revista Inforleite.

Os Estados Unidos, segundo maior produtor e terceiro maior exportador mundial, possui 65 mil estabelecimentos, 9,2 milhões de vacas, produção de 87,1 bilhões de litros e uma produtividade de 9.465 litros por lactação, quase oito vezes mais que o Brasil. “Com este potencial de quantidade de propriedades e de animais, o país tem muito a crescer na atividade, mas precisa encará-la profissionalmente.”

Unidades de referência localizadas em Pelotas maximizam os seus recursos a fim de tornar o leite uma atividade viável

